

Percepção do ambiente e a atividade física em residentes de Cambé

Percepción del ambiente y actividad física en residentes de Cambé

Environment Perception and Physical Activity in Residents of Cambé

Yann Ferreira Rodrigues Souza¹
Luiz Fernando Badaró²
Vinicius Machado de Oliveira³

- ¹ Especialista em Treinamento Desportivo. Residente Multiprofissional em Saúde da Mulher, Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Brasil. Email: yannrsouza@gmail.com
ORCID: 0000-0002-4936-2833
- ² Mestrado em Educação Física pela Universidade Estadual Maringá (UEM), Maringá, Brasil. Email: luizbdr@hotmail.com
ORCID: 0000-0003-1344-8413
- ³ Mestrado em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Brasil. Email: oliveira_vm@hotmail.com
ORCID: 0000-0003-1789-8243

Como referenciar

Souza, Y. F. R., Badaró, L. F., & de Oliveira, V. M. (2023). Percepção do ambiente e a atividade física em residentes de Cambé. *Educación Física y Deporte*, 42(1), 115-141. <https://doi.org/10.17533/udea.efyd.e346099>

© Autores.



Esta obra está licenciada sob a licença Creative Commons Atribuição-
NãoComercial-Compartilhual 4.0.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi investigar possíveis associações entre a percepção do ambiente e a prática de atividade física no tempo livre em residentes da cidade brasileira de Cambé, no estado de Paraná. Participaram do estudo 873 moradores com idades acima dos 40 anos. Os dados foram coletados por meio de um questionário de resposta única. Para análise dos dados utilizou-se a estatística descritiva e teste de Qui-quadrado ($p \leq 0.05$). Verificou-se que 28.3 % dos investigados eram ativos. Além disso, foi possível estabelecer associação entre a percepção positiva do ambiente com a variável *idade* e a prática regular de atividade física no tempo livre com a variável *satisfação com as condições atuais do bairro*. Apesar de não identificar associações significativas entre realizar atividade física com morar próximo a locais públicos para estes fins, evidências nos permitem destacar que o ambiente é um fator preponderante para a prática de atividade física.

PALAVRAS-CHAVE: envelhecimento, exercício físico, políticas públicas, sedentarismo.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo fue investigar las posibles asociaciones entre la percepción del ambiente y la práctica de actividad física en el tiempo libre en los residentes de la ciudad brasileña de Cambé, en el estado de Paraná. En el estudio participaron 873 residentes mayores de 40 años. Los datos se recogieron mediante un cuestionario de respuesta única. Para el análisis de los datos se utilizó estadística descriptiva y la prueba de Chi cuadrado ($p \leq 0,05$). Los resultados mostraron que el 28,3 % de los investigados realizaban actividad física. También se pudo establecer una asociación entre la percepción positiva del entorno con la variable *edad* y con la práctica habitual de actividad física en el tiempo libre con la variable *satisfacción con las condicio-*

nes actuales del barrio. Aunque no se encontraron asociaciones significativas entre la actividad física y vivir cerca de lugares públicos para realizarla, los datos muestran que el ambiente es un factor preponderante para la práctica de actividad física.

PALABRAS CLAVE: envejecimiento, ejercicio físico, políticas públicas, sedentarismo.

ABSTRACT

This paper aimed to find the possible associations between the perception of the environment and the practice of leisure time physical activity among residents of the Brazilian city of Cambé, in the state of Parana. A total of 873 residents over 40 years participated in the study. Data were collected using a single-answer questionnaire. Descriptive statistics and the Chi-square test ($p \leq 0.05$) were used for data analysis. The results showed that 28.3 % of the participants were physically active. It was also possible to establish an association between the positive perception of the environment with the variable *age* and with the habitual practice of physical activity in leisure time with the variable *satisfaction with the current conditions of the neighborhood*. Although no significant associations between physical activity and living near public places for physical activity, the data show that the environment is a key factor for the practice of physical activity.

KEYWORDS: aging, physical exercise, public policies, sedentarism.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento de atividades físicas no tempo livre tem sido considerado um importante comportamento relacionado com a saúde. De acordo com vários estudos, o exercício regular tem demonstrado ser um fator de proteção da saúde humana (Arango Vélez et al., 2014; Lima et al., 2014; Úbeda-Colomer et al., 2016). Todavia, em que pese os benefícios da atividade física, ainda são elevadas taxas de mortalidade precoce devido à hipocinesia (Arboleda Serna et al., 2014; Hallal, 2014; Hallal et al., 2007; Patiño-Villada et al., 2015).

Estudos conduzidos com a população brasileira nos últimos anos, a partir de dados do Ministério da Saúde (2020), apontam que 44.8 % da população adulta das 27 capitais brasileiras são insuficientemente ativas, ou seja, que não realizam pelo menos 150 minutos semanais de atividades físicas moderadas. Ainda nessa pesquisa chama-se atenção para o fato de que as mulheres (52.2 %) apresentam menores níveis de atividade física quando comparados com os homens (36.1%), sendo que essa tendência de insuficiência tende a aumentar com o avanço da idade (Ministério da Saúde, 2020; Silva et al., 2021).

Dentre os principais problemas provenientes da atividade física insuficiente, as doenças cardiovasculares são as que mais acometem a população (Lima et al., 2017). Tais doenças apresentam características multifatoriais, podendo estar associadas a fatores não modificáveis como sexo, idade, individualidade biológica (genética) e a fatores modificáveis como o tabagismo, o baixo consumo de frutas e verduras, alcoolismo e o sedentarismo (Bonotto et al., 2016; Magalhães et al., 2014).

Percebe-se a partir das considerações expostas que os fatores tidos como modificáveis são um ponto importante para a melhoria dos indicadores de saúde nas populações humanas (Bonotto et al., 2016). Em se tratando, portanto, de atividade física insuficiente, considera-se que a mesma pode ser modificada

na medida em que se criam condições para tal. Desta forma, entende-se que o modo de vida de um conjunto de pessoas como depende de uma série de aspectos. Esses aspectos, por sua vez, estão relacionados não somente ao indivíduo isolado, mas a um conjunto de fatores condicionantes que, ao agirem sobre um determinado contexto, criam condições favoráveis ou desfavoráveis à adoção de um estilo de vida saudável e aderente à atividade física (Arango Vélez et al., 2014).

Para elevar os níveis de atividade física da população, pesquisas vêm sendo conduzidas visando compreender quais os fatores – sejam eles individuais, sociais, ambientais ou políticos – que estão associados a uma mudança de comportamento que corrobore um aumento dos níveis de atividade física (Bauman et al., 2012). Compreender essas relações permite que intervenções mais eficazes, do ponto de vista da promoção da atividade física, sejam realizadas (Arango Vélez et al., 2014; Sallis et al., 1990).

Porém, nota-se também que a insuficiência de atividade física sofre influência de diferentes espécies e níveis, se apresentando como um fenômeno complexo. Assim, não são apenas aspectos individuais e sociais que estão relacionados com a prática de atividade física, uma vez que as características ambientais também parecem se correlacionar com desfechos positivos quanto à atividade física.

Nessa esteira, em relação à influência do local de prática de exercícios físicos, nos últimos anos, diversos empreendimentos relacionados ao assunto se acumularam no âmbito acadêmico (Lima et al., 2019; Madeira et al., 2013; Mohnsam da Silva, 2015; Sallis, 2009; Silva et al., 2015). Tais pesquisas, em grande medida, procuram investigar como o ambiente construído pode facilitar ou dificultar a construção de comportamentos ativos e benéficos à saúde (Mohnsam da Silva, 2015).

Nesse contexto, em que pese o aumento e a importância dessas investigações, os estudos na área a respeito da perce-

ção do ambiente e a prática de atividade física ainda podem apresentar lacunas, considerando o vasto território nacional e a quantidade de municípios que podem apresentar estruturas físicas distintas, podendo impactar nos níveis de atividade física de seus moradores. Assim sendo, notabiliza-se a importância de pesquisas nas diversas regiões brasileiras, em especial nas cidades de pequeno e médio porte, regiões que muitas das vezes não são amplamente cobertas pelas pesquisas por uma série de barreiras que o próprio o campo acadêmico institui.

Dito isso, esse trabalho teve como objetivo principal verificar a associação entre a percepção do ambiente e a prática de atividades físicas no tempo livre em moradores de Cambé, cidade de médio porte localizada na região Norte do estado do Paraná.

METODOLOGIA

Foi realizado um estudo transversal de base populacional a partir do banco de dados de um estudo maior denominado «VigiCardio: doenças cardiovasculares no Estado do Paraná: mortalidade, perfil de risco, terapia medicamentosa e complicações». Os dados referentes a este projeto maior foram coletados entre os anos de 2011 e 2015, sendo que para as análises do presente estudo utilizaram-se os resultados da coleta de 2015.

VigiCardio

Trata-se de um estudo de coorte que tem como objetivo analisar a tendência e a distribuição das doenças cardiovasculares no estado do Paraná. Com o objetivo de traçar o perfil do risco cardiovascular, o VigiCardio possibilita que haja maior efetividade em políticas públicas com o intuito de diminuir a incidência destas doenças. As coletas para a construção do banco de dados foram realizadas por meio de entrevistas. Estas foram conduzi-

das num primeiro momento em 2011 e recoletadas em 2015, estando de acordo com as normativas do Conselho Nacional de Saúde e chanceladas sob o parecer 39595614.4.0000.5231 do projeto guarda-chuva anexado à Plataforma Brasil.

População

A partir dos dados coletados do VigiCardio, utilizou-se para este estudo uma amostra com pessoas de 40 anos ou mais, de ambos os sexos, moradores do município de Cambé, Paraná, Brasil, todos residentes da área urbana. O critério de inclusão dessa faixa etária se justifica por conta de ser o público com maior probabilidade de desenvolver eventos cardiovasculares, tendo em vista o objetivo central do projeto. A cidade de médio porte localiza-se na região norte do Paraná, região metropolitana de Londrina. Segundo o censo demográfico de 2010, o município tinha 93 733 habitantes, com densidade demográfica de 195.54 habitantes/km².

A base para o cálculo amostral do VigiCardio em 2011 foi a contagem da população realizada em 2007. Nesta ocasião o número de habitantes foi estimado em 92 880 sujeitos, sendo 30 170 com idade maior ou igual de 40 anos. Para definir o tamanho da amostra foi considerada a prevalência de um desfecho inespecífico de 50 %, com margem de erro de 3 % e intervalo de confiança de 95 %. Desta forma, a amostra foi estimada em 1054 sujeitos, acrescentando a este valor 20 % (211 sujeitos) para possíveis perdas amostrais. Este processo de construção amostral considerou 81 setores censitários do perímetro urbano.

Durante as entrevistas, foram garantidos conformidade entre a proporção de homens e mulheres. Para cada casa visitada para a entrevista, apenas um morador foi contemplado. A amostra final foi de 1339 pessoas, com a exclusão de 159 indivíduos, totalizando 1180 entrevistados no ano de 2011 (Loch, 2013).

Em 2015 uma nova entrevista foi conduzida e foram localizados um total de 885 sujeitos, somando uma perda amostral de 295 sujeitos. Vale ressaltar que, devido a não resposta de um dos itens do questionário relacionado à avaliação da percepção do ambiente, doze sujeitos foram eliminados, totalizando uma amostra final de 873 indivíduos para o presente estudo.

Variáveis da pesquisa

Percepção das condições do bairro dos informantes da pesquisa

Para a obtenção dos dados foi utilizado o questionário VigiCardio, composto por 180 itens. Todavia, devido ao delineamento deste estudo, cujo objetivo é analisar a influência do ambiente e as variáveis sociodemográficas na prática de atividade física no tempo livre, as questões pertinentes à percepção do ambiente foram limitadas às perguntas e suas respectivas respostas:

A. Em relação às condições atuais do bairro para a prática de atividade física, o senhor(a) está:

- (1) Muito satisfeito
- (2) Satisfeito
- (3) Nem satisfeito nem insatisfeito
- (4) Insatisfeito
- (5) Muito Insatisfeito

B. Em relação às possíveis mudanças acontecidas nos últimos anos, nos espaços públicos do bairro para a prática de atividade física, o senhor(a) considera que:

- (1) Melhorou muito
- (2) Melhorou pouco
- (3) Está igual a antes
- (4) Está pior do que antes
- (5) Está muito pior do que antes
- (6) Não sei

C. Em relação às possíveis mudanças acontecidas nos últimos anos, nos espaços privados do bairro para a prática de atividade física, o senhor(a) considera que:

- (1) Melhorou muito
- (2) Melhorou pouco
- (3) Está igual a antes
- (4) Está pior do que antes
- (5) Está muito pior do que antes
- (6) Não sei

D. Em relação aos espaços públicos existentes no bairro para a prática de atividade física e a sua condição para chegar até eles, o senhor(a) considera:

- (1) Muito perto
- (2) Perto
- (3) Nem perto nem longe
- (4) Um pouco longe
- (5) Muito longe
- (6) Não existem espaços públicos
- (7) Tenho limitações que me impedem de chegar até estes espaços.

Para fins de análise das associações relativas à percepção sobre as condições do bairro para a prática de atividade física e mudanças ocorridas no bairro nos últimos anos, as variáveis foram dicotomizadas. Na pergunta «A» foram considerados satisfeitos os que responderam as opções 1 e 2. O mesmo acontecendo com as questões «B» e «C». Na pergunta «D» os sujeitos que responderam «muito perto» ou «perto» foram agrupados em uma mesma categoria.

Avaliação dos níveis de atividade física

Na avaliação da prática de atividade física foi empregado o modelo de estágio de mudança de comportamento (Dumith, 2008; Dumith et al., 2007; Prochaska et al., 1994). A partir desse modelo, foram considerados como sujeitos ativos aqueles que referiram estar na fase de *manutenção*, ou seja, que faziam atividade física no tempo livre há mais de seis meses. Também ficaram incluídos como sujeitos ativos aqueles que se encontravam na fase de *ação*, caracterizados como os que faziam atividade física no tempo livre há menos de seis meses. Os sujeitos que se encontravam nos estágios de *pré-contemplação* (não apresentavam intenção de começar a praticar atividade física nos próximos seis meses), *contemplação* (pretendiam realizar atividade física no tempo livre relativo aos próximos seis meses) e *preparação* (objetivavam começar a fazer atividade física no tempo livre nos próximos trinta dias) foram considerados inativos no tempo livre.

Variáveis demográficas e socioeconômicas

O presente estudo também considerou variáveis demográficas e socioeconômicas, uma vez que estas também poderiam influenciar em alguns dos resultados. Foram elas:

- a) Sexo: masculino e feminino.
- b) Idade: em anos, categorizadas em faixas etárias de 44-54, 55-64 e 65 ou mais.
- c) Classe econômica: categorizadas em A, B, C e D/E de acordo com o «Critério de Classificação Econômica do Brasil» proposto pela Associação Brasileira das Empresas de Pesquisa, ABEP (2008). Para fins de análise houve um agrupamento entre A/B e C/D/E.

d) Escolaridade: obtida a partir da resposta dos anos de estudos completados pelo entrevistado. Categorizadas em 0 a 4 anos, 5 a 8 anos e 9 ou mais.

e) Estado civil: solteiro(a), casado(a), divorciado/separado(a), viúvo(a) e união estável. Posteriormente as categorias foram agrupadas em: com companheiro(a) (casado(a) e união estável) e sem companheiro(a) (solteiro(a), divorciado/separado(a) e viúvo(a)).

Análise de dados

De modo geral, para as análises quantitativas foram realizadas a estatística descritiva e teste de Qui-quadrado no programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) versão 22.0. Adotou-se nível de significância de 95 % e os dados foram descritos em valores de frequência absoluta e relativa.

RESULTADOS

A tabela 1 mostra as características da amostra de acordo com as variáveis sociodemográficas. A amostra foi composta por um total de 873 sujeitos de ambos os sexos, sendo o sexo feminino o de maior representatividade (55.6 %). Em relação à faixa etária, nota-se que a maioria era composta por indivíduos entre 44 a 54 anos (41.9 %). Quanto à classe econômica, tem-se que 64.5 % eram compostas de membros da categoria C, D e E. A maioria da amostra relatou ter estudado de 0 a 4 anos (47.2 %) e 68.9 % mencionaram viver com parceiros(as).

Tabela 1. Características sociodemográficas da amostra do município de Cambé (2015)

Variáveis	n	%
Sexo		
Masculino	388	44.4
Feminino	485	55.6
Faixa etária		
44-54	366	41.9
55-64	293	33.6
65 ou mais	214	24.5
Classe econômica		
A - B	309	35.5
C - D - E	561	64.5
Anos de estudo		
0-4 anos	412	47.2
5-8 anos	225	25.8
9 ou mais	236	27.0
Estado civil		
Com parceiro	600	68.9
Sem parceiro	271	31.1
Total	873	100.0

Fonte: elaboração própria.

Na sequência a tabela 2 apresenta o percentual de respostas para as questões relacionadas ao ambiente e a prática de atividade física no tempo livre. Do total da amostra, 28.3 % foram considerados ativos no tempo livre, sendo que 67.4 % afirmaram aprovar as condições percebidas do bairro em que vivem para a prática de atividade física. Em se tratando da avaliação a respeito das condições dos espaços públicos e privados para a prática destas atividades, 63.1 % e 38.5 % disseram respectivamente estar satisfeitos. Quando questionados quanto à distância até os locais públicos destinados a atividades físicas, 76.5 % informaram considerar a distância até estes espaços próxima.

Tabela 2. Característica da amostra quanto à prática de atividade física no tempo livre e questões relacionadas ao ambiente

Variáveis	n	%
Atividade física no tempo livre		
Ativo	247	28.3
Inativo	627	71.7
Satisfação com as condições atuais do bairro para prática de atividade física		
Satisfeito	586	67.4
Insatisfeito	283	32.6
Percepção das mudanças ocorridas nos espaços públicos nos últimos anos		
Melhorou	551	63.1
Não Melhorou	269	30.8
Não responderam	53	6.1
Percepção das mudanças ocorridas nos espaços privados nos últimos anos		
Melhorou	333	38.5
Não Melhorou	236	27.0
Não responderam	301	34.5
Distância em que mora dos locais públicos para prática de atividade física		
Perto	668	76.5
Longe	201	23.0

Fonte: elaboração própria.

Os resultados relacionados à associação entre ser ativo no tempo livre e as variáveis sociodemográficas são apresentadas na tabela 3. Para assumir diferenças significativas foi adotado o valor de $p \leq 0.05$, entretanto, não foi observada nenhuma relação entre ser ativo no tempo livre e as variáveis sociodemográficas na amostra em questão. Todavia, é notório apontar para um valor próximo ao assumido para caracterizar diferenças na variável “anos de estudo”.

Tabela 3. Associação entre variáveis sociodemográficas e prática de atividade física no tempo livre

Variáveis	Ativos no tempo livre		p
	n	%	
Sexo			
Feminino	141	29.1	0.56
Masculino	106	27.3	
Faixa etária			
44 a 54	93	25.4	0.25
55 a 64	87	29.7	
65 ou mais	67	31.3	
Estado Civil			
Com parceiro	174	29.0	0.53
Sem parceiro	73	26.9	
Classe Econômica			
A - B	96	31.1	0.17
C - D - E	150	26.7	
Anos de Estudo			
0 a 4 anos	102	24.8	0.06
5 a 8 anos	67	29.8	
9 ou mais	78	33.1	

Fonte: elaboração própria.

Na tabela 4 são apresentadas associações entre desfechos positivos na percepção do ambiente com variáveis sociodemográficas. Os achados permitem dizer que: 1) que avaliações positivas do bairro tiveram associação com a faixa etária ($p \leq 0.02$), sendo que está se mostrou elevada em indivíduos maiores de 65 anos (72.5 %); 2) as avaliações positivas das melhorias nos espaços privados para a prática de atividade física tiveram associação com: estado civil ($p \leq 0.03$) sendo maior em quem tem parceiro (61.5 %); nível econômico ($p \leq 0.04$) sendo maior a proporção entre membros das classes A-B (63.9 %).

Tabela 4. Associação entre a percepção positiva do ambiente e as variáveis sociodemográficas

Variáveis	Satisfeito com a condição do bairro			Condição dos espaços públicos melhoraram nos últimos anos			Distância próxima até os espaços Públicos			Condição dos espaços privados melhoraram nos últimos anos		
	n	%	p	n	%	p	n	%	p	n	%	p
Sexo												
Feminino	317	65.6	0.21	299	67.2	0.95	373	77.1	0.87	169	55.4	0.08
Masculino	268	69.6		252	67.0		295	76.6		164	62.6	
Idade												
44 a 54	227	62.4		226	66.9		276	75.8		155	58.9	
55 a 64	205	70.0	0.02	188	67.1	0.98	232	79.5	0.43	105	57.7	0.92
65 ou mais	153	72.5		137	67.5		160	75.1		73	59.8	
Estado civil												
Com parceiro	407	67.9	0.63	382	67.3	0.92	463	77.6	0.51	244	61.5	0.03
Sem parceiro	177	66.3		168	66.9		204	75.6		88	52.1	
Nível econômico												
A - B	208	67.5	0.90	198	67.1	0.95	244	79.2	0.23	147	63.9	0.04
C - D - E	374	67.1		350	66.9		422	75.6		186	55.5	
Período de estudo												
0 a 4 anos	285	69.7		269	69.9		311	75.7		129	58.4	
5 a 8 anos	147	65.6	0.39	132	62.6	0.18	174	78.0	0.72	91	55.8	0.53
9 ou mais	153	65.1		150	66.7		183	77.9		113	61.7	

Fonte: elaboração própria.

Por fim, na tabela 5, é apresentada a análise de associação para as variáveis ambientais e a prática de atividade física no tempo livre. Após a realização do teste estatístico, verificou-se a existência de associação entre uma avaliação positiva das condições do bairro para a prática de atividade física no tempo livre ($p \leq 0.03$). De acordo com resultados, os indivíduos que avaliaram melhor as condições do bairro denotaram maior prevalência de serem ativos durante seu tempo livre (30.8 %). Para as demais variáveis ambientais não foram verificadas associações significativas.

Tabela 5. Associação entre a percepção do ambiente para a prática de atividade física no bairro e a prática de atividade física no tempo livre

Variáveis ambientais	Ativos no tempo livre		p
	n	(%)	
	Satisfação com as condições atuais do bairro para prática de atividade física		
Satisfeito	180	30.8	0.03
Insatisfeito	67	23.7	
Mudanças nos espaços públicos para a prática de atividade física nos últimos anos no bairro			
Melhorou	171	21.2	0.16
Não melhorou	71	8.3	
Mudanças nos espaços privados para a prática de atividade física nos últimos anos no bairro			
Melhorou	111	19.6	0.06
Não melhorou	61	10.8	
Distância em que mora de espaços públicos para a prática de atividade física			
Perto	189	28.3	0.87
Longe	58	28.9	

Fonte: elaboração própria.

DISCUSSÃO

Este estudo teve como objetivo identificar as variáveis percebidas do ambiente (bairro) e sua associação com a prática de atividade física no tempo livre de homens e mulheres de meia e terceira idade numa cidade de médio porte do interior do estado do Paraná. A partir da análise de estudos que já buscaram estas relações, alguns aspectos do ambiente parecem exercer influência positiva na adesão de uma vida mais ativa. No entan-

to, a constatação científica destes fenômenos em cidades de pequeno e médio porte no Brasil ainda é incipiente.

Desta forma, compreender como essas relações ocorrem em cidades menores passa a ser relevante, não apenas com intuito de agregar a literatura como também de se pesquisar e fornecer melhores subsídios para o exercício de políticas públicas mais alvissareiras nas pequenas cidades do país.

Após as coletas e análises dos dados, inicialmente constatou-se que o número de sujeitos adultos ativos da pesquisa era 28.3 %. Desse total, 29.1 % era correspondente ao público feminino e 27.3 % masculino. Em comparação com a literatura, esses dados destoam um pouco em relação ao estudo de Pazin et al. (2016) realizado em Florianópolis-SC, onde os pesquisadores verificaram que a proporção de pessoas que realizavam atividade física no tempo livre era de 25.1 % para os homens e 21.6 % para mulheres, ou seja, percentuais um pouco menores do que os do presente estudo para ambos os sexos.

Outro estudo realizado por Florindo et al. (2009), buscou associar a prática de atividade física com variáveis sociodemográficas e ambientais, apresentando também valores distintos aos encontrados por este estudo no que tange aos índices de atividade física no tempo livre de acordo com o sexo. No empreendimento em questão, foram investigados dados oriundos do Ministério da Saúde (2020). Segundo os autores, a maior prevalência de ativos no tempo livre foi de 18.3 % para homens e 11.9 % para mulheres.

Os dados desta pesquisa, comparadas com os estudos mencionados, não permitem afirmar que a população brasileira esteja se tornando mais ativa fisicamente no decorrer dos anos. É possível que esse crescimento tenha relação com as características da região em que se realizaram as coletas. Nesse sentido, características locais e ambientais podem contribuir para um aumento ou diminuição dos níveis de atividade física realizado pelos moradores. Por sinal, foi o que se constatou, em alguma

medida, quando se perguntou a respeito do grau de satisfação com as condições estruturais do bairro para a prática de atividade física.

Diante do questionamento, 67.4 % manifestaram estar satisfeitos com o espaço onde residem. Ademais quando questionados a respeito das mudanças observadas no bairro, no que diz concerne ao domínio público, 63.1 % comentaram que houve melhoras, acenando, portanto, para uma política pública direcionada à necessidade de colocar os moradores em contato com as práticas físicas através do movimento. Não obstante, quando a mesma pergunta foi direcionada as mudanças observadas nos espaços privados, apenas 38.5 % dos informantes relataram haver melhorias.

Cabe ressaltar que nesta pergunta houve uma grande prevalência de indivíduos que não responderam (34.5 %), o que talvez indique a não frequência destes espaços, haja vista que muito provavelmente as taxas para a utilização das instalações privadas, que se apresentam como uma limitação para os moradores dos estratos sociais mais baixos. A respeito da percepção quanto à distância percorrida até estes locais destinados à prática de atividade física no bairro (público ou privado), 76.5 % da amostra disseram considerar essa distância como sendo próximo, o que sugere mais uma vez a oferta satisfatória de espaços para práticas.

Em um estudo realizado em São Paulo no ano de 2008, no qual foram investigados os níveis de atividade física em adultos residentes em setores censitários sem vulnerabilidade e com vulnerabilidade de acordo com as características do bairro e variáveis sociodemográficas, o nível de satisfação com o bairro foi de 73.7 % e 70.5 % respectivamente (Ribeiro y Barata, 2016). Tais valores se aproximam dos encontrados nesta pesquisa (67.4 %) não havendo uma grande diferença da avaliação realizada no grande centro econômico brasileiro quando comparado a uma cidade de médio porte.

Outro correlato observado neste estudo diz respeito à associação encontrada entre uma avaliação positiva das condições do bairro e a prática de atividade física no tempo livre. De acordo com os achados, estar satisfeito com as condições do bairro permite uma maior probabilidade de realizar atividade física no tempo livre ($p \leq 0.03$). Isto é, do contingente que relatou estar satisfeito com a condição do bairro, aproximadamente 30.8 % sinalizou desenvolver atividades físicas no tempo livre.

Essa proporção encontrada entre quem avaliava positivamente seu bairro e quem era ativo no tempo livre é praticamente a mesma encontrada no estudo citado (30.4 %) (Ribeiro e Barata, 2016), novamente demonstrando algumas relações entre as grandes metrópoles para as cidades de médio porte, ao menos, no que se refere às estruturas do bairro para o atendimento das necessidades de movência¹ da população.

Em que pese tenha se observado uma relação entre a satisfação do espaço e a prática atividade física no tempo livre, neste estudo não foram identificadas associações entre a proximidade do local e a atividade física no tempo livre ($p \leq 0,87$). Esse cenário observado vai à contramão de muitas outras pesquisas que

¹ O termo «movência» também faz referência ao movimentar-se humano, porém é diferente na medida em que diz respeito aqueles movimentos que possuem um maior valor simbólico para cada indivíduo (De Souza, 2023). Refere-se, portanto, aqueles movimentos espontâneos realizados pelas pessoas diante de um escopo bastante amplo de significados (De Souza, 2023). Cabe dizer ainda, que o conceito de movência, em nenhum momento, substitui a noção de movimento humano que, aparentemente, é o núcleo duro que singulariza o campo científico e pedagógico da Educação Física (De Souza, 2023). Não obstante, evidentemente, se coloca como um conceito complementar já que está mais sensível as nuances do movimentar-se e porque leva em consideração aquilo que podemos chamar de uma autobiografia de movimento (De Souza, 2019; 2021). Nesse sentido, correlacionado os dados encontrados com o conceito de movência, bairros que fornecem uma melhor estrutura e previsibilidade para a realização de diferentes práticas motrizes tendem não só estimular a movência dos indivíduos como as suas próprias escritas autorais de movimento.

verificaram associação (De Greef et al., 2011; Hallal et al., 2010; Maerom et al., 2009; Wells & Yang, 2008).

Em linhas gerais, esses estudos, em especial, sugerem que viver em bairros próximos a locais destinados à prática de atividade física, seja esses públicos ou privados, se manifesta como um fator preponderante no nível de atividade física atingido pelos indivíduos no seu tempo livre. Dados como esses reforçam que espaços urbanos que ofertam estruturas de tempo livre para a movência humana desempenham importante papel no padrão de comportamento de uma sociedade. Ao contrário, sem políticas públicas sensíveis a essa questão, há claro comprometimento da adoção destes hábitos ativos (Booth et al., 2000).

Além dos autores mencionados no parágrafo anterior, podemos citar o trabalho de Sallis (2009) que concluiu que aspectos ambientais podem apresentar correlações com a prática de atividade física, independentemente do fator idade. Em outro estudo conduzido em Florianópolis-SC identificou, por meio do método de avaliação de medidas subjetivas, que morar perto de locais destinados a prática de atividade física (clubes, academias, quadras, etc.) se elenca como um fator positivo para diminuição dos índices de insuficiência de atividade física (Pazin et al., 2016).

Nessa mesma direção, demais estudos também apontam que residir próximo a locais que possibilitem a prática de atividade física (praças, quadras, academias) favorece a adesão de hábitos saudáveis (Madeira et al., 2013; Silva et al., 2015). De modo geral, essas investigações, na sua grande maioria, sugerem que estruturas citadinas, periféricas, moldadas para atender a demanda de movência esportiva das pessoas, não só estimulam a prática como induz a comportamentos mais ativos.

No que se refere às limitações do estudo, cabe apontar aqui algumas, como o tipo de delineamento do estudo. Por ser uma pesquisa de caráter transversal, essa não permite atingir uma relação de causalidade entre as variáveis estudadas (percepção do

ambiente e prática de atividade física no tempo livre). Além disso, como possível limitação, é oportuno mencionar também que neste estudo não foi mobilizado um instrumento validado para a coleta das informações com os participantes da pesquisa.

Nessa esteira, ao realizar uma breve digressão pela literatura, foi possível visualizar que muitos estudos têm se apropriado do instrumento de avaliação ambiental Neighborhood Environmental Walkability Scale (NEWS) validado para o Brasil a partir dos estudos de Malavasi et al. (2007). Sendo assim, a mobilização desse instrumento ou análogos poderiam ter não só facilitado as comparações com a literatura como também ampliado a visibilidade dos dados encontrados nesta pesquisa. Não obstante, em que pese essas limitações, o estudo apresenta importantes informações para se pensar as políticas públicas de esporte e lazer em cidades de menor porte.

CONCLUSÕES

Compreender a influência do ambiente construído/percebido e suas relações com os níveis de atividade da população é, entre outras, uma importante estratégia para fomentar políticas públicas que considerem as questões ambientais para desfechos positivos de adoção de hábitos saudáveis. Como consequência, tais iniciativas de estímulo a este fim corroboram para uma série de prerrogativas sociais que podem se reverter não apenas para os agentes sociais, como também para o Estado, considerando os vários benefícios já validados e aceitos sobre a prática regular de atividades físicas.

De modo geral, ao realizar a pesquisa, os resultados demonstraram existir uma associação entre a avaliação positiva das condições do bairro e a prática de atividade física no tempo livre. Ainda que não se tenha identificado associações significativas entre morar próximo a locais públicos que favoreçam

a realização de atividades físicas, os dados nos permitem refletir que o ambiente é, sim, um fator preponderante quando se pensa em estímulos a atividade física, visto que indivíduos que avaliaram de forma positiva as condições do bairro denotaram maior prevalência de serem ativos durante seu tempo livre, podendo haver a sugestão de que em algum momento os residentes locais utilizem as estruturas provenientes da própria região. Além disso, evidências advindas de estudos de revisão vão de encontro com esta assertiva, evidenciando este comportamento em grandes metrópoles e em países desenvolvidos.

Nessa linha de raciocínio, depreende-se que a prática de alguma atividade física no tempo livre é uma necessidade e um direito como qualquer outro e deve ser considerado em meio às políticas públicas de bem estar social. Mais do que lazer, as diversas condutas motoras que os agentes sociais desenvolvem no seu tempo livre são dotadas de múltiplos significados que promovem o aumento da qualidade de vida. Não à toa, em diversas partes do mundo, cidades são organizadas a fim de atender essa demanda social. O entendimento de que o ambiente interfere na adesão dos indivíduos em relação à prática de atividade física lança luz à necessidade de se planejar bairros e cidades que ofereçam, além dos espaços e estrutura física, a oferta de profissionais especializados que possam, sobretudo, orientar e organizar práticas que tornem os indivíduos cada vez mais ativos.

REFERÊNCIAS

1. Arango Vélez, E. F., Patiño Villada, F. A., & Díaz Cardona, G. (2014). Factores asociados con la adherencia a la actividad física en el tiempo libre. *Educación Física y Deporte*, 33(1), 129-151. <https://doi.org/10.17533/udea.efyd.v33n1a08>
2. Arboleda Serna, V. H., Arango Vélez, E. F., & Feito, Y. (2014). Niveles y estados de cambio de la actividad física en una

comunidad universitaria de Medellín-Colombia. *Educación Física y Deporte*, 33(1), 153-173. <https://doi.org/10.17533/udea.efyd.v33n1a09>

3. Associação Brasileira das Empresas de Pesquisa [ABEP]. (2008). *Critério de Classificação Econômica Brasil*. <https://www.abep.org/Servicos/Download.aspx?id=05>
4. Bauman, A. E., Reis, R. S., Sallis, J. F., Wells, J. C., Loos, R.J. F., & Martin, B. W. (2012). Correlates of Physical Activity: Why Are Some People Physically Active and Others Not? *Lancet*, 380(9838), 258-271. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(12\)60735-1](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(12)60735-1)
5. Bonotto, G. M., Mendoza-Sassi, R. A., & Susin, L. R. O. (2016). Conhecimento dos fatores de risco modificáveis para doença cardiovascular entre mulheres e seus fatores associados: um estudo de base populacional. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(1), 293-302. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015211.07232015>
6. Booth, M. L., Owen, N., Bauman, A., Clavisi, O., & Leslie, E. (2000). Social-Cognitive and Perceived Environment Influences Associated with Physical Activity in Older Australians. *Preventive Medicine*, 31(1), 15-22. <https://doi.org/10.1006/pmed.2000.0661>
7. De Greef, K., Van Dyck, D., Deforche, B., & De Bourdeaudhuij, I. (2011). Physical Environmental Correlates of Self-Reported and Objectively Assessed Physical Activity in Belgian Type 2 Diabetes Patients. *Health & Social Care in the Community*, 19(2), 235-245. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2524.2010.00958.x>
8. De Souza, J. (2019). Educação Física reflexiva: problemas, hipóteses e programa de pesquisa. *Movimento*, 25, e25002. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.78269>
9. De Souza, J. (2021). *Do homo movens ao homo academicus: rumo a uma teoria reflexiva da Educação Física*. LiberArs.
10. De Souza, J. (2023). Movência: um elogio à Educação Física e ao Esporte. *Movimento*, 29, e29004. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.121546>

11. Dumith, S. C. (2008). Proposta de um modelo teórico para a adoção da prática de atividade física. *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*, 13(2), 52-62. <https://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/790>
12. Dumith, S. C., Gigante, D. P., & Domingues, M. R. (2007). Stages of Change for Physical Activity in Adults from Southern Brazil: A Population-Based Survey. *International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity*, 4, 25. <https://doi.org/10.1186%2F1479-5868-4-25>
13. Florindo, A. A., Hallal, P. C., Moura, E. C., & Malta, D. C. (2009). Prática de atividade física e fatores associados em adultos, Brasil, 2006. *Revista de Saúde Pública*, 43(2), 65-73. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102009000900009>
14. Hallal, P. C. (2014). Physical Activity and Health in Brazil: Research, Surveillance and Policies. *Caderno de Saúde Pública*, 30(12), 1-3. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311xpe011214>
15. Hallal, P. C., Dumith, S. C., Bastos, J. P., Reichert, F. F., Siqueira, F. V., & Azevedo, M. R. (2007). Evolução da pesquisa epidemiológica em atividade física no Brasil: uma revisão sistemática. *Revista de Saúde Pública*, 41(3), 453-60. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102007000300018>
16. Hallal, P. C., Reis, R. S., Parra, D., Hoehner, C., Brownson, R., & Simões, E. J. (2010). Association between Perceived Environmental Attributes and Physical Activity among Adults in Recife, Brazil. *Journal of Physical Activity Health*, 7(2), 213-22. <https://doi.org/10.1123/jpah.7.s2.s213>
17. Lima, D. F., Levy, R. B., & Luiz, O. C. (2014). Recomendações para atividade física e saúde: consensos, controvérsias e ambiguidades. *Revista Panamericana de Salud Pública*, 36(3), 164-170. <https://iris.paho.org/handle/10665.2/9869>
18. Lima, D. F., Lima, L. A., & Luiz, O. C. (2017). Daily Physical Activity of Brazilian Carriers of Arterial Hypertension: A Transversal Analysis. *Colombia Médica*, 48(2), 82-87. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5549888/>
19. Lima, D. F., Lima, L. A., Hoffmann, B. H., Strey, R. E., & Anguera, M. das G. (2019). A prática de atividade física mediada pelo meio geográfico: a distância entre as moradias

- e as instalações. *Caderno de Educação Física e Esporte*, 18(1), 83-88. <https://doi.org/10.36453/2318-5104.2020.v18.n1.p83>
20. Loch, M. R. (2013). *Associação entre capital social e comportamentos relacionados à saúde: estudo de base populacional* [tese de doutorado, Universidade Estadual de Londrina]. <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000186919>
 21. Madeira M. C., Siqueira, F. C. V., Facchini, L. A., Silveira, D. S., Tomasi, E., Thumé, E., Silva, S. E., Diléilo, A., & Piccini, R. X. (2013). Atividade física no deslocamento em adultos e idosos do Brasil: prevalências e fatores associados. *Cadernos de Saúde Pública*, 29(1), 165-174. <https://www.scielo.br/j/csp/a/L3NVswL9RWMNsLv9btktyCk/abstract/?lang=pt#>
 22. Maerom, D., Bauman, A., Phongsavan, P., Cerin, E., Kassis, M., Brown, W., Smith, B. J., & Rissel, C. (2009). Can a Motivational Intervention Overcome an Unsupportive Environment for Walking: Findings from the Step-by-Step Study. *Annals of Behavioral Medicine*, 38(2), 137-146. <https://doi.org/10.1007/s12160-009-9138-z>
 23. Magalhães, F. J., Mendonça, L. B. A., Rebouças, C. B. A., Lima, F. E. T., Custódio, I. L., & Oliveira, S. C. (2014). Fatores de risco para doenças cardiovasculares em profissionais de enfermagem: estratégias de promoção da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 67(3), 394-400. <https://doi.org/10.5935/0034-7167.20140052>
 24. Malavasi, L. M., Duarte, M. F., Both, J., & Reis, R. S. (2007). Escala de mobilidade ativa no ambiente comunitário *News Brasil: retradução e reprodutibilidade*. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano*, 9(4), 339-350. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/rbcdh/article/view/4102>
 25. Ministério da Saúde. (2020). *Vigitel Brasil 2019: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico: estimativas sobre frequência e distribuição sociodemográfica de fatores de risco e proteção para doenças crônicas nas capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal em 2019*. https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2019_vigilancia_fatores_risco.pdf

26. Mohnsam da Silva I. (2015). *Associação entre prática de atividade física e características do ambiente* [tese de doutorado, Universidade Federal de Pelotas]. <https://shre.ink/rMlc>
27. Patiño-Villada, F. A., Arboleda-Franco, S. A., & Paz-Fernández, J. A. (2015). Nivel de aptitud funcional en mujeres no institucionalizadas mayores de 60 años de una ciudad de España. *Educación Física y Deporte*, 34(1), 221-238. <http://doi.org/10.17533/udea.efyd.v34n1a10>
28. Pazin, J., Duarte, M., Borgato, A., Peres, M., & Poeta, L. (2016). Atividade física no tempo livre, deslocamento, apoio social e percepção do ambiente urbano em homens e mulheres de Florianópolis/SC. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 30(3), 743-755. <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000300743>
29. Prochaska, J. O., Velicer, W. F., Rossi, J. S., Goldstein, M. G., Marcus, B. H., Rakowski, Fiore, C., Harlow, L. L., Redding, C. A., & Rosenbloom, D. (1994). Stages of Change and Decisional Balance for 12 Problem Behaviors. *Health Psychology*, 13(1), 39-46. <https://doi.org/10.1037//0278-6133.13.1.39>
30. Ribeiro, M. C. S. de A., & Barata, R. B. (2016). Saúde: vulnerabilidade social, vizinhança e atividade física. *Cadernos Metrópole*, 18(36), 401-420. <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2016-3605>
31. Sallis, J. F., Bowles, H. R., Bauman, A., Ainsworth, B. E., Bull, F. C., Craig, C. L., Sjöström, M., De Bourdeaudhuij, I., Lefevre, J., Matsudo, V., Matsudo, S., Macfarlane, D. J., Gomez, L. F., Inoue, S., Murase, N., Volbekiene, V., McLean, G., Carr, H., Klasson Heggebo, L., ... Bergman, P. (2009). Neighborhood Environments and Physical Activity among Adults in 11 Countries. *American Journal of Preventive Medicine*, 36(6), 484-490. <https://doi.org/10.1016/j.amepre.2009.01.031>
32. Sallis, J. F., Hovell, M. F., Hofstetter, C. R., Elder, J. P., Hackley, M., Caspersen, C. J., & Powell, K. E. (1990). Distance between Homes and Exercise Facilities Related to Frequency of Exercise among San Diego Residents. *Public*

- Health Reports*, 105(2), 179-185. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/2108465/>
33. Silva, P. S., Fontana, F., Campos, J. G., Mazzardo, O., Lima, D. F., Paludo, A. C., & Campos, W. (2021). Time Trends of Physical Inactivity in Brazilian Adults from 2009 to 2017. *Revista da Associação Médica Brasileira*, 67(5), 681-689. <https://doi.org/10.1590/1806-9282.20201077>
 34. Silva, P., Vaz, V., & Silva M. (2015). Nível de atividade física no tempo livre e deslocamento e fatores associados em alunos de Educação Física em Coimbra. Portugal. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, 20(6), 559-560. <https://doi.org/10.12820/rbafs.v.20n6p559>
 35. Úbeda-Colomer, J., Molina-Alventosa, P., & Campos-Granell, J. (2016). Facilitadores y barreras para la actividad física en tiempo de ocio en alumnado universitario con discapacidad: un estudio cualitativo. *Educación Física y Deporte*, 35(1), 63-96. <https://doi.org/10.17533/udea.efyd.v35n1a03>
 36. Wells, N. M., & Yang, Y. Z. (2008). Neighborhood Design and Walking: A Quasi- Experimental Longitudinal Study. *American Journal of Preventive Medicine*. 13(4), 313-319. <https://doi.org/10.1016/j.amepre.2008.01.019>